

A construção do gênero discursivo painel: das diferentes temporalidades à estrutura composicional

The construction of the panel discursive genre: from different temporalities to compositional structure

La construcción del género discursivo panel: de diferentes temporalidades a la estructura compositiva

Vanda Mari Trombetta¹
 0000-0002-0077-2794

RESUMO: Observa-se uma pressuposição no trabalho pedagógico com o gênero em materiais didáticos: a centralização no ensino da estabilidade do gênero. Em outra perspectiva, há práticas que, embora reconheçam a estabilidade, focalizam nas situações de produção dos enunciados e seus aspectos sócio-históricos. Assume-se, deste modo, com ancoragem em Bakhtin e o Círculo de Bakhtin, a análise de uma prática de ensino de um gênero emergindo de uma situação social. Objetiva-se analisar, no *corpus*, um conjunto de três propostas para a escrita do gênero painel. O foco de observação será a construção do gênero para além da estrutura composicional, com ênfase no diálogo com as temporalidades. Para reforçar a investigação, examinam-se, também, três versões de escrita do gênero. Sob essa perspectiva, observa-se um trabalho possível com a escrita voltado mais para a compreensão de como se dão as práticas de linguagem em processos de interação do que especificamente com a materialidade textual do gênero painel, pressupostos defendidos por Bakhtin e pelo Círculo de Bakhtin.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero discursivo painel; Diferentes temporalidades; Escrita.

ABSTRACT: An assumption can be observed in pedagogical work with genre in teaching materials: the centralization of genre stability in teaching. From another perspective, there are practices that, although they recognize stability, focus on the situations in which utterances are produced and their socio-historical aspects. In this way, anchored in Bakhtin and the Bakhtin Circle, the analysis of a teaching practice of a genre emerging from a social situation is assumed. The objective is to analyze, in the corpus, a set of three proposals for writing the panel genre. The focus of observation will be the construction of the genre beyond the compositional structure with an emphasis on the dialogue with temporalities. To reinforce the investigation, three writing versions of the genre are also examined. From this perspective, we analyze possible work with writing aimed more at understanding how language practices occur in interaction processes than specifically with the textual materiality of the panel genre,

¹ Doutora em Letras. Atua na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus Pato Branco, no Curso de Licenciatura em Letras. E-mail: colet-pb@utfpr.edu.br

assumptions defended by Bakhtin and the Bakhtin Circle.

KEYWORDS: Panel discursive genre; Different temporalities; Writing.

RESUMEN: Se puede observar un supuesto en el trabajo pedagógico con el género en los materiales didácticos: la centralización de la estabilidad de género en la enseñanza. Desde otra perspectiva, hay prácticas que, si bien reconocen la estabilidad, se centran en las situaciones en las que se producen los enunciados y sus aspectos sociohistóricos. De esta manera, anclado en Bakhtin y el Círculo, se asume el análisis de una práctica docente de un género surgido de una situación social. El objetivo es analizar, en el corpus, un conjunto de tres propuestas de escritura del género panel. El foco de observación será la construcción del género más allá de la estructura compositiva, con énfasis en el diálogo con las temporalidades. Para reforzar la investigación, también se examinan tres versiones escritas del género. Desde esta perspectiva, analizamos posibles trabajos con escritos dirigidos más para comprender cómo ocurren las prácticas lingüísticas en los procesos de interacción que específicamente con la materialidad textual del género panel, supuestos defendidos por Bakhtin y el Círculo.

PALABRAS CLAVE Panel de género discursivo; Diferentes temporalidades; Escrita.

Considerações iniciais: perspectiva teórica do gênero nos PCN e na BNCC

O ensino de gêneros intensificou-se na Educação Básica após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa (Brasil, 1998, 2006) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017). Como fruto desse direcionamento, merecem nota as pesquisas na área de Linguística Aplicada. Tais pesquisas, para Rojo (2005), podem ser divididas em duas vertentes: teoria dos gêneros do discurso e teoria dos gêneros de texto, ambas com tendências enraizadas em diferentes releituras de Bakhtin e do Círculo de Bakhtin. As duas vertentes resultaram em pesquisas e práticas de análise diversas, uma vez que, de acordo com a autora, a primeira centra-se, sobretudo, no estudo das situações de produção dos enunciados e em seus aspectos sócio-históricos; e a segunda, na descrição da materialidade textual.

Rodrigues (2003) contribui com o tema ao evidenciar que a teoria da Linguística Textual parece predominar sobre a teoria enunciativo-discursiva bakhtiniana, em especial em relação aos materiais didáticos. A problemática está no fato de que esta parece “um acréscimo às concepções da Linguística Textual e não como elemento fundante” (Rodrigues, 2003, p. 1261).

Análises de pesquisadores da BNCC, quanto ao tratamento teórico para o gênero, corroboram apreciações próximas às dos PCN. Como exemplo, Lozano (2020) pondera que o documento dos Anos Finais do Ensino Fundamental, ao apontar a vertente teórica enunciativo-discursiva, não é o suficiente, tendo em vista que o termo relaciona-se com diferentes vertentes teóricas. Na mesma linha de observações, Brocardo, Ortega e Lima (2019, p.107, destaque dos autores) analisam:

flutuação terminológica, aparecendo ora apenas como *gênero*, ora como *gênero discurso/discurso* o que remete à Concepção Dialógica da Linguagem, ou, ainda, como *gênero textual*, indicando uma aproximação com o Interacionismo Sociodiscursivo.

Considerando que há distintas vertentes enunciativo-discursivas para o trabalho com o gênero, o documento parece deixar subjacentes orientações teóricas mais explícitas. É significativo lembrar, para guiar uma reflexão sobre a afirmativa anterior, que enquanto alguns pesquisadores acolhem positivamente uma diversidade terminológica, outros as consideram problemáticas. Ao considerar, especialmente, o professor do ensino básico como o leitor mais específico para o documento, há questões a serem refletidas.

A possibilidade de escolha teórica e metodológica, a princípio, poderia ser compreendida como positiva. Todavia, a ausência de especificação, por sua vez, implica incertezas na organização de propostas de como trabalhar um gênero, visto que há uma diversidade de conceitos que são apresentados ao professor. Com isso, não se reconhece que teorias com fundamentos conceituais e metodológicos distintos se ocupam de um mesmo objeto de estudo (o gênero), mas, em função de como são apresentadas, são tomadas como um percurso didático claro e sem conflito. Acredita-se que a constituição dos documentos a partir de diversas teorias, ou a não especificação dessas, ou a tentativa de articulá-las, traz reflexos ao seu ensino.

O exposto nas referidas considerações chama a atenção para outro fator relevante: o de que, ainda que os PCN datem de quase duas décadas e a BNCC tenha suscitado pesquisas e discussões sobre o ensino do gênero, arrisca-se afirmar que ainda deixam indagações sobre seu ensino. Mais estudos parecem, então, necessários, dadas as diferentes possibilidades para esse percurso didático, muitas

vezes considerado, por alguns, como a própria BNCC ressalta, “já disseminados” (2017, p.63). Pressupõe-se, assim, com tal assertiva, um professor com conhecimento prévio, sendo que uma das implicações de tal pressuposição é a ausência de um percurso didático mais específico nos documentos. Com tal afirmação, não se argumenta que o documento deva ser um guia didático, ou especifique o como fazer, mas a flutuação teórica conduz dificuldade para os professores.

Circunstancia-se um exemplo da pressuposição para um percurso didático, bastante evidente em materiais didáticos: a centralização na estabilidade do gênero, decorrente do amparo, em parte, do conceito de gênero de Bakhtin (2006, p.262), que o considera como “tipos de enunciados relativamente estáveis”. Em tal perspectiva, como se nota, o modalizador *relativamente* desaparece e o conceito é abordado como *tipos de enunciados estáveis*. A atenção ao modalizador talvez tenha como pressuposto a aceitação de uma orientação mais instrumentalizadora para se trabalhar com o gênero. Assim, ao centralizar o ensino do gênero na estrutura, incorre-se no risco de não se distanciar da estrutura e deixa-se a prática social que constitui o gênero.

Em outra perspectiva de trabalho pedagógico, há práticas que, embora reconheçam a estabilidade, focalizam em situações de produção dos enunciados e em seus aspectos sócio-históricos. Os argumentos referem-se principalmente ao fato de que o gênero emerge de uma situação social. Assume-se, então, para o desenvolvimento desta pesquisa, a perspectiva de Bakhtin e do Círculo. O foco de observação será a construção do gênero para além da estrutura composicional, com ênfase no diálogo com as temporalidades. Para reforçar a investigação, analisa-se um conjunto de três propostas para a escrita do gênero painel e também três versões de escrita do gênero por um acadêmico. Ainda que a prática tenha sido organizada para atender a um gênero comumente abordado em contexto universitário, o intuito é identificar especificidades para seu ensino e refletir se podem orientar a escrita de outros gêneros.

Com vistas a tratar do objetivo, o estudo aponta, inicialmente, a definição de Bakhtin e do Círculo de que um gênero do discurso é o resultado do entrecruzamento de diferentes diálogos, em temporalidades diversas. Na sequência, discute-se um

trabalho com a escrita que parte da situação do diálogo mais imediato para a estrutura. Em seguida, analisa-se um conjunto de propostas e práticas do gênero painel. Por fim, estendem-se, nas considerações finais, reflexões para o ensino dos gêneros discursivos.

Gênero do discurso: os diálogos e as temporalidades

O gênero pode ser compreendido, para Bakhtin, como um diálogo, sendo que, quando o autor se refere ao diálogo, situa-o na perspectiva do tempo: “a pequena temporalidade” e “a grande temporalidade” (2010, p. 365). O primeiro faz alusão ao diálogo em seu sentido imediato e o segundo diz respeito ao diálogo mais amplo, com o já-dito, mas também com o que está por vir, com o futuro.

O diálogo, em seu sentido imediato, é proferido pelo falante/escrevente além de um ato fisiológico, individual, de materialização da palavra, pois, desde sua elaboração, o destinatário está envolto. Também está envolto o já-dito, pois somente “uma boa metade” (Bakhtin e Voloshinov, 2006, p. 115) das palavras cabe ao locutor. Em outros termos, a outra metade pode ser exemplificada a partir da análise realizada por Bakhtin e Voloshinov (2006) nos diálogos da personagem Tchitchikov com seus interlocutores na obra “Almas Mortas de Gogol”. As palavras e expressões de Tchitchikov, embora tratassem sobre o mesmo tema com seu interlocutor, alteravam-se à medida que a personagem recortava da grande temporalidade o que/como falar a partir de cada interação, de acordo com as diferentes escalas de hierarquia social do interlocutor.

Nesse sentido, pensar o diálogo com o já-dito como elemento constituinte do gênero é, também, refletir sobre o princípio de sua não autonomia, pois o gênero está constituído por outros enunciados, por outros diálogos que o antecederam. Nessa perspectiva, Tchitchikov recorta o enunciado do diálogo com o já-dito, no entanto, o reelabora e o reacentua de acordo com a temporalidade imediata.

Pode-se considerar, então, o gênero como organizado a partir das relações que o sujeito estabelece pelos diálogos. Em outras palavras, é a partir do diálogo mais imediato, da singularidade do sujeito reelaborando o já-dito e acrescentando

respostas ao porvir, que um gênero é construído. Dessa maneira, o diálogo da pequena temporalidade determina qual é a forma como se acessa o diálogo na grande temporalidade, do mesmo modo que é determinado pela dinâmica da grande temporalidade.

Gênero do discurso: da instabilidade à estrutura

Os gêneros acompanham o aprendizado da língua de tal modo que se aprende a “moldar nossa fala às formas do gênero”, mas também “no processo da fala, evidenciará suas diferenciações” (2010, p. 302). Enquanto as expressões *moldar* e *formas* indicam regularidades – e por essa razão o gênero é reconhecível –, as expressões *no processo da fala* e *diferenciações* indicam as alterações que podem acontecer pela atuação do sujeito. Assim, no gênero, há recorrência e dinamização simultaneamente.

Nessa perspectiva, os três elementos apresentados no ensino como caracterizadores do gênero – conteúdo temático, estrutura composicional e estilo – carregam também a dinamização. Descontextualizados do espaço social, os três elementos passam a ser compreendidos e ensinados como estruturas estáveis e não relativamente estáveis, tornando-se componentes verbais explícitos e padronizados de um gênero. Significa dizer que o exterior exerce força de movimento, de modo que os elementos acompanham e são receptivos às oscilações das condições de uso.

Não se pretende, diante das considerações sobre a relação de dinamização do gênero, afirmar que não existem padrões, pois se reconhece que o espaço social submete o gênero a certas regularidades, assim como que a recíproca é verdadeira. O gênero baliza e organiza o que se pode dizer nesse espaço social. Todavia, existe pelo espaço social e o espaço social existe no gênero. Dessa maneira, os espaços sociais acabam sendo produzidos pelos gêneros; não há o social e o linguístico, ambos estão imbricados. Do mesmo modo, o gênero também está situado em um tempo. O tempo histórico determina o que e como este é construído, além de ser determinado pela sua dinâmica de construção. Tem-se, portanto, a relativa estabilidade do gênero.

Proposta de práticas de escrita: gênero painel

Com o intuito de desenvolver o objetivo do estudo, analisam-se práticas de escrita² do gênero painel propostas por um professor universitário. Ainda que tenha sido organizado para atender a um gênero comumente abordado em contexto universitário, a finalidade deste trabalho é identificar especificidades que permitam mostrar se a prática pode ter um caráter orientador metodológico para a escrita de outros gêneros.

A prática de escrita³ do gênero painel foi desenvolvida no curso de Letras da Universidade de São Paulo (USP) e foi organizada em três momentos, de modo que cada momento proposto pelo professor resultou em três versões de escrita de cada estudante. A primeira proposta de escrita foi apresentada após as aulas ministradas pelo professor responsável pela disciplina. A segunda proposta foi composta de dois textos que conceituam e apresentam características do gênero painel. Na terceira proposta, foi entregue aos acadêmicos um texto com referência teórica para compor a escrita do gênero e lhes foi solicitada, então, a terceira versão, em folha sulfite, diferentemente do ocorrido nas primeiras versões, nas quais os estudantes utilizaram folha pautada. A segunda e a terceira propostas de prática de escrita foram elaboradas

² Optou-se pela expressão *prática de escrita*, pois, junto às instruções (comandas), há orientações explicativas sobre o tema em aprendizado. Considera-se essa prática de escrita e outras que norteiam as atividades escolares/acadêmicas como um gênero discursivo, organizado a partir de dois outros gêneros, ou seja, as instruções e as orientações explicativas. Tal gênero discursivo propõe, como abordado no item 1, desde um diálogo mais imediato até um diálogo mais amplo. No diálogo mais imediato, o locutor não é aparente, pois o conteúdo de ensino assume o lugar de locutor; nas instruções, os verbos assumem formas impessoalizadas: *elabore* (anexo A, imperativo), *sintetizando, serem* (anexo B2, gerúndio, voz passiva). Mesmo quando os verbos, nas instruções, estão no futuro do presente - *você assumirá* (proposta 1), *você deverá* (proposta 3) -, pode-se compreendê-los como atenuadores de uma ordem. Enquanto o locutor não está marcado, o interlocutor está declarado pelos pronomes demonstrativos e possessivos (*você, sua pesquisa, seu trabalho*). O diálogo mais amplo está relacionado, por exemplo, a partir das instruções *puxar pela memória* (o já-dito) e *observe seus efeitos* (o escrevente estabelece projeções para a antecipação da resposta do destinatário).

³ Proposta organizada pelo docente responsável pela disciplina de Introdução aos Estudos da Língua Portuguesa I. A cada etapa de escrita e reescrita, antecederam aulas sobre a temática dos textos teóricos ministradas por esse professor. Assim, pode-se considerar que o resultado do gênero painel está constituído também do conteúdo ministrado nas aulas e não somente das práticas de escrita em análise.

à medida que o professor considerava as versões escritas pelos acadêmicos.

Primeira prática de escrita (Anexo A)

Nos congressos relacionados à área de Letras é comum que os estudantes sejam convidados a apresentarem suas pesquisas de Iniciação Científica (IC) sob forma de painéis. Nessas circunstâncias, assumem, portanto, o papel de expositores.

No enunciado, nota-se a contextualização de elementos do diálogo mais imediato: espaço social, gênero e papel social assumido. Nessa proposta, observa-se um preceito de Bakhtin e Voloshinov (2006) de que o centro organizador de toda a expressão é o exterior. Em cada espaço social, faz-se uso de gêneros específicos, os quais atendem à prática social daqueles que estão nela envolvidos como forma de legitimação das relações sociais. A prática de escrita específica que, nesse espaço social, pesquisas de iniciação científica (IC) são apresentadas em forma de painéis e é a partir da contextualização com os elementos desse diálogo mais imediato que o escrevente atuará.

Na sequência, três orientações mais pontuais são propostas como explicações balizadoras para o conteúdo trabalhado, o gênero painel:

letra a) No painel, o diálogo proposto tem como destinatários preferenciais professores, formandos ou em formação, e outros pesquisadores.

Ao considerar o gênero inserido em um determinado espaço social, a prática de escrita evidencia outro elemento do diálogo mais imediato: a relação intrínseca do gênero com o destinatário – parte constitutiva do enunciado. Este orienta o acadêmico a observar que o diálogo tem coparticipantes – *professores, formandos ou em formação, e outros pesquisadores*. Esse público/leitor específico tem uma relação social, muitas vezes hierárquica, que é constitutiva no diálogo do gênero. Embora suscite papéis, pode haver subversões, pois há a presença do sujeito desestabilizando com reelaborações e reacentuações (ver itens c e d). Com o intuito de não trabalhar um modelo do gênero, a proposta de escrita solicita ao acadêmico:

letra b) puxar pela memória alguma referência sobre o que seja painel.

A orientação *puxar pela memória* está amparada na defesa que Corrêa (2013, p. 4) faz de que “um gênero deve passar pelo diálogo que, nele, se reinveste”. Pode-se compreender, inicialmente, que um gênero tomaria o diálogo mais imediato – quem fala/escreve e para quem fala/escreve – como seu alicerce, organizado pelo espaço social, nos papéis sociais assumidos pelos participantes. Entre esses papéis, o diálogo poderia ser estabelecido entre *expositor e professores, formandos ou em formação, e outros pesquisadores*.

Mas outra compreensão faz-se necessária: o diálogo relaciona-se com as “réplicas que produz” (Corrêa, 2013, p. 4). Tais réplicas não são somente produzidas a partir da resposta ao enunciado imediato, uma vez que são sustentadas pelas réplicas ao já-dito e pelas projeções futuras, ou mesmo concebidas pelas relações intergenéricas.

Assim, *puxar pela memória* pode ser concebido como a rememoração de diálogos já estabelecidos com outros gêneros. É na relação com os diálogos que o escrevente ancora a escrita de um gênero “novo”. A cada momento, há um reinvestimento em diálogos a partir dos já-participados, reinvestimentos estes que podem ser considerados como propriedade dialógica da linguagem. A tarefa do escrevente é buscar, nos diálogos já estabelecidos em outros gêneros, possibilidades para tratar do painel.

letra c e d) Registre suas apostas de escrita e observe seus efeitos; escolhas/exclusões das palavras, construções utilizadas e escolhas/exclusões do que recortar do tema abordado são apostas sobre a eficácia da escrita produzida pelo expositor.

O intuito nas duas proposições, *c e d*, é evidenciar que mesmo que todos os acadêmicos tenham uma mesma proposta de escrita, apoiada nos mesmos textos-base, é possível haver singularidade na escrita do painel. A ideia de que o sujeito é social, mas também singular, é premissa na obra bakhtiniana. “O enunciado sempre cria algo que, antes dele, nunca existira, algo novo e irreproduzível” (Bakhtin, 2010, p. 348). Diante da realidade posta – a escrita do gênero painel –, o escrevente realiza

escolhas e imprime marcas: aquela ou outra direção para apresentar um tema, aquela ou outra palavra, aquela ou outra citação.

Nessa relação, há reelaboração e transformação, o que resulta em mudança ao já-dito. Mesmo que o processo de interação suscite papéis esperados, as instruções *c* e *d* reforçam que o expositor pode trazer instabilidade ao gênero pela singularidade da escrita, pois, ao realizar *escolhas/exclusões* do texto-base, a partir de outros já lidos, de *construções utilizadas*, o expositor realiza *apostas de escrita*, acreditando nessa *eficácia*. Tais apostas referem-se à reação que o escrevente projeta no texto ao destinatário.

Após essas quatro proposições, a instrução orienta:

Elabore um painel com base no resumo que corresponde a um item de um capítulo de livro. Você assumirá essa pesquisa como sua e procurará defendê-la, na posição de expositor, dando todas as informações necessárias para que os resultados apresentados sejam validados pelos destinatários especiais.

Tendo em vista que o gênero só pode ser entendido se inserido em um espaço social e, portanto, sujeito às contingências, a proposta de escrita busca estabelecer as indicações para situar o acadêmico. Nesse sentido, o espaço social acadêmico – a participação na escrita e a exposição do gênero painel – é pouco conhecido, verificando-se, nessa primeira atividade, uma apresentação dos papéis sociais. Como eles mantêm certa estabilidade no gênero, espera-se que o expositor, por exemplo, assumo o papel estabelecido a ele, isto é, conhecer o tema proposto no painel, ter postura condizente, disponibilizar-se a dirimir dúvidas. Dos leitores/destinatários/avaliadores, espera-se, por exemplo, que indaguem, tenham interesse ou mesmo que leiam o painel.

Segunda proposta de escrita (Anexo A)

A primeira reescrita está organizada em duas propostas. A primeira tem o intuito de uma reorientação, principalmente para situar o acadêmico no espaço social em que acontece o gênero; a segunda, de apresentar as normativas e as

características estruturais para sua elaboração.

Seguem, abaixo, duas orientações sobre como produzir um painel. A primeira foi retirada do site do GEL, cujo seminário será realizado, neste ano, na FFLCH-USP, nos próximos dias 10, 11, 12 de julho. A segunda é, mais propriamente, uma descrição desse gênero acadêmico.

Ao tomar um evento que está acontecendo na mesma instituição em que os acadêmicos estudam como exemplo para a prática proposta, inclusive com possibilidade de participação, há um trabalho com o gênero em uma situação contextualizada, uma inserção no espaço social do evento linguístico, nas relações sociais e comunicativas do gênero.

Na sequência, outros exemplos de possibilidades de participações no evento são apresentadas: comunicação individual, simpósio, ouvinte. Contudo, a atividade centra-se na modalidade de *apresentação do painel* e procura situar como ele deve ser exposto: *1 - a modalidade painel é exclusiva para graduandos; 2 - o painalista deve permanecer durante toda a sessão (1h30min); 3 - o autor terá à sua disposição uma haste.* Constata-se, nas três instruções, a ênfase em um processo de interação que é pouco conhecido pelo acadêmico. As instruções 4 e 5 estabelecem uma descrição da estrutura: *título do trabalho, nome(s) do(s) autor(es), seguido de nome da instituição e da agência de fomento (se houver), no corpo do texto, pelo menos, objetivos, fundamentação teórica, metodologia do trabalho, resultados e referência bibliográfica; sugestão de tamanho de letra.*

Somente nesse momento da prática de escrita as descrições composicionais para o gênero são expostas, pois, de acordo com Corrêa (2013, p. 4), a “produção de um gênero do discurso (oral ou escrito) começa a ser exitosa quando se pode reconhecer alguma pertinência (temática, composicional ou estilística) à relação dialogal pensada pelo escrevente para aquele gênero”. Tal afirmação corrobora o caminho traçado pela prática de escrita em análise: situa-se o escrevente no diálogo, para, posteriormente, apresentar-lhe as características estruturais do gênero.

A segunda proposta desse primeiro momento de reescrita apresenta uma conceituação para o gênero painel, construída pelo professor que organiza a atividade:

O PAINEL para apresentação de trabalho científico é um gênero complexo. Visando a essa finalidade de apresentação, comporta três modos de comunicação: o verbal escrito, o não verbal e o verbal oral.

Assim, tendo em vista o fato de que foi conceituado como *complexo*, fez-se latente a necessidade de apresentar uma justificativa para tal complexidade: *compósito das dimensões verbal escrita, não verbal e verbal oral*. Na sequência da explanação, o enunciado passa a explicitar os elementos caracterizadores de cada dimensão. Para a dimensão verbal, são apresentados como dados estruturantes do gênero:

título, gênero do trabalho, nome(s) do(s) autor(es) com filiação institucional e agência de financiamento, objetivos, fundamentação teórica, metodologia, hipóteses, resultados e referências bibliográficas.

Retomando a explicitação da primeira proposta, a de que um texto escrito atende às especificidades do espaço social no gênero, tem-se que as características

de edição, de concisão do texto, se impõem em função de sua adaptação ao espaço, variável de acordo com o evento em que figurará.

No segundo aspecto, em relação à dimensão não verbal, são apresentadas as características inerentes ao modelo:

a comunicação visual, a diagramação (escolha da fonte, do tamanho da letra, das cores, das margens, combinação do texto escrito com ilustrações, quadros, tabelas, legendas etc.).

O terceiro aspecto que compõe o gênero é a dimensão verbal oral. Nessa dimensão, tendo em vista as escolhas/exclusões realizadas na escrita, é dado ênfase, ao escrevente, de que

a apresentação pode tomar a forma tanto de uma breve exposição, quanto de um diálogo. Apresentação que pode: dirimir dúvidas de leitura, acrescentar esclarecimentos, estabelecer uma discussão acadêmica rápida, sendo, também, um modo de o autor obter informações de outros especialistas no assunto, tais como sugestões teóricas, metodológicas, bibliográficas etc.

Entretextos, Londrina, v. 24, n. 1. p. 172-195, 2024.



[Licença CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Na dimensão verbal oral, observa-se que, tomando a forma de um diálogo, o expositor pode avaliar se suas opções de escolhas/exclusões foram aceitas pelos destinatários projetados.

Essa segunda prática de escrita é finalizada com um texto de reforço: *Para lembrar características a serem observadas no painel*. Os cinco lembretes retomam orientações sobre a estrutura e sobre a escrita, ressaltando ao produtor do painel que é imprescindível *converter o interlocutor concreto que interpela o autor do trabalho no destinatário imaginário para o painel*. Novamente, a prática de escrita procura suscitar no acadêmico a reflexão sobre o diálogo proposto, bem como sobre a escrita do gênero orientada ao destinatário.

Terceira proposta de escrita (Anexo A)

Nessa atividade, há um delineamento voltado para a inserção de referências que subsidiam a terceira reescrita. Nota-se a premissa adotada na prática de escrita de reforçar ao acadêmico que um gênero se dá em uma relação dialógica não somente com seu interlocutor, mas com outros enunciados. Também é nessa reescrita que o gênero painel é reconstruído no papel sulfite e, importante destacar, parece configurar-se como suporte, *banner*, revestindo-se, dessa forma, dos atributos que caracterizam o gênero painel numa dada situação comunicativa.

Reflexões decorrentes das análises

Bakhtin e Voloshinov (2006) argumentam que a ordem metodológica para o estudo da língua deve ser a “abordagem da enunciação em si” e a proposta de escrita do gênero painel toma-a como premissa. Parte-se, então, da especificidade do diálogo no gênero para delinear as demais orientações.

O que sobressai da prática de escrita é o fato de que ela não está centrada nas marcas formais do gênero, mas em dois de seus elementos constitutivos e simultaneamente atuantes: o espaço social e o diálogo constitutivo e balizador para o

gênero. É a observação conjunta desses dois elementos que conduz aos demais, direcionando o uso que se fará da língua e a materialidade textual do painel.

Ao fomentar no acadêmico uma reflexão sobre o uso que fará da língua, as atividades propostas provocam-no a pensar sobre a constituição da escrita e não sobre a escrita para um gênero específico. É o que se verifica, por exemplo, em o *exercício de escrita (e só ele) permite que o expositor registre apostas de escrita e observe seus efeitos*. As apostas referem-se à própria construção da imagem que o escrevente tem de si mesmo, do outro destinatário e das vozes do já-dito. A partir dessas imagens, há uma aposta em determinados recortes: do tema, da sintaxe e da seleção vocabular.

O enunciado da atividade também objetiva provocar no acadêmico a reflexão sobre a importância dos efeitos que as escolhas/exclusões produzem sobre a eficácia da escrita. Tal diretiva retoma o diálogo com as temporalidades – realizada à medida que o escrevente, ao considerar a constituição da escrita de qualquer gênero, deve ponderar as apostas e os efeitos de eficácia –, tendo em vista que pode aprender, com tal regularidade, o que recortar ou não em outros momentos de escrita. Importante destacar que se trata de uma regularidade parcial, pois é o contato com o outro/interlocutor que faz com que o escrevente reavalie recortes/exclusões.

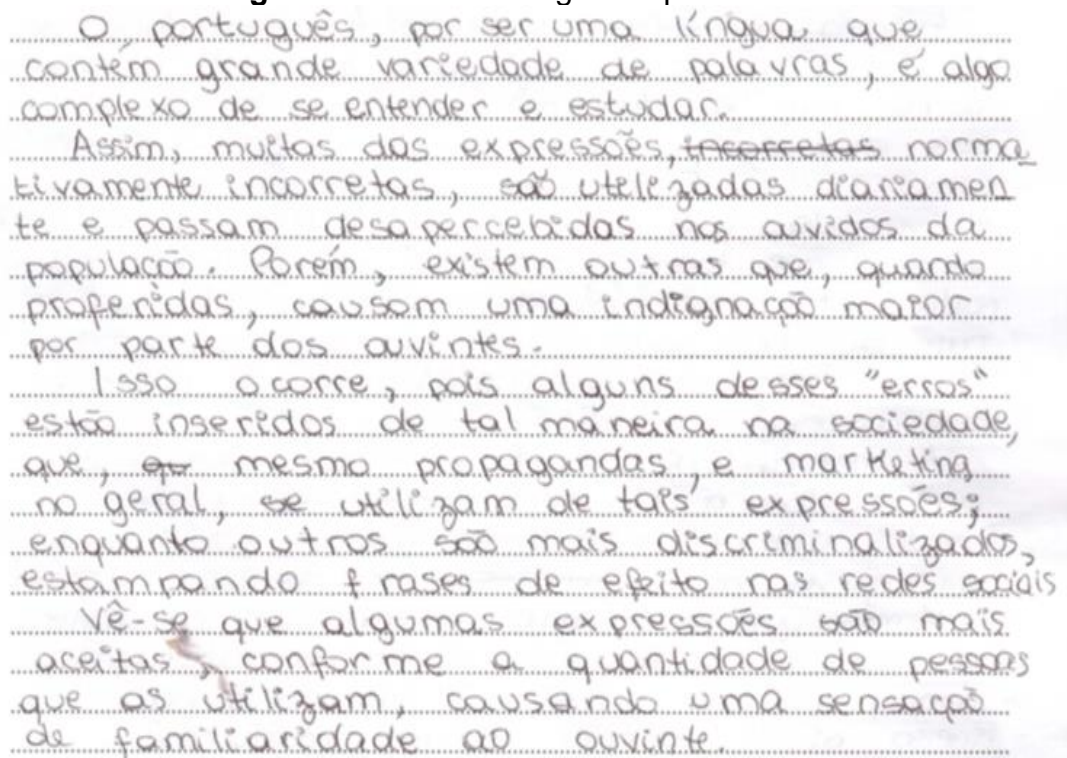
Nessa perspectiva, compreende-se que o direcionamento a certos elementos, como *espaço social no qual ocorre o gênero; diálogo que se estabelece nesse espaço social; no processo de interação (os papéis sociais do falante/escrevente e do destinatário com as temporalidades); uso das formas da língua; materialidade textual*, poderia ser orientador para a escrita de outros gêneros. Esses elementos não estabelecem necessariamente uma ordem, uma sucessão, mas acredita-se que respondem de forma didática ao objetivo deste estudo.

Versões de escrita do gênero painel em análise

Para ilustrar as práticas de escrita do gênero painel, foram selecionados três textos, os quais referem-se às versões construídas por um acadêmico e seguem a sequência das propostas analisadas no item 4. Procura-se observar como o

escrevente, à medida que as práticas de escrita são propostas, reconstrói as versões e circunscreve o espaço social e o diálogo com as temporalidades no gênero painel.

Figura 1 - Versão 1 do gênero painel



O português, por ser uma língua, que contém grande variedade de palavras, é algo complexo de se entender e estudar.

Assim, muitas das expressões ~~incorretas~~ ~~norma~~ tivamente incorretas, são utilizadas diariamente e passam despercebidas nos ouvidos da população. Porém, existem outras que, quando pronunciadas, causam uma indignação maior por parte dos ouvintes.

Isso ocorre, pois alguns desses "erros" estão inseridos de tal maneira na sociedade, que, ~~em~~ mesma propagandas, e marketing no geral, se utilizam de tais expressões; enquanto outros são mais discriminizados, estampando frases de efeito nas redes sociais.

Vê-se que algumas expressões são mais aceitas, conforme a quantidade de pessoas que as utilizam, causando uma sensação de familiaridade ao ouvinte.

Fonte: material do Grupo de Pesquisa CNPq - Práticas de Leitura e Escrita em Português Língua Materna. Estudante 1.

Nessa primeira versão, o texto tem marcas relacionadas com uma dissertação escolar – introdução/tese, desenvolvimento/argumentação e conclusão. O primeiro parágrafo aponta para a defesa de que a língua é difícil de estudar, pois há uma *grande variedade de palavras*. Na sequência, assume que, enquanto algumas expressões da língua são mais aceitáveis quando pronunciadas de forma *incorreta*, outras causam *indignação maior*. O exemplo do que passa a ser aceitável está ilustrado pelo uso que a *propaganda* realiza das expressões, ao passo que o inaceitável é demonstrado pelas *redes sociais*. O escrevente conclui o texto defendendo que o critério de aceitação de algumas expressões é a *quantidade de pessoas que as utilizam*.

Embora essa primeira versão não evidencie o diálogo com as temporalidades

a partir da situação imediata, o escrevente inicia inserções no espaço social e nos diálogos, procurando: (i) assumir a pesquisa como sua, estabelecendo uma interlocução com o texto de Paul Teyssier, posicionando-se em relação ao tema proposto, inclusive em direção oposta ao texto-base; (ii) trazer, ao “puxar pela memória”, alguma referência sobre o que seja painel, um texto que também exige defesa de uma tese, procurando atender às projeções para o destinatário para o gênero.

Figura 2 - Versão 2 do gênero painel

Com este painel tenho como objetivo ~~de~~ discutir e analisar o texto de Paul Teyssier tomando por base o estudo das ~~várias~~ variedades presentes na língua portuguesa do Brasil e seu processo de formação.

A ~~zona de vulgaridade da~~ A “vulgaridade” de que Teyssier fala é algo que podemos considerar como não válido, pois ele caracteriza diversas expressões usadas no português-não-padrão como “erros”. Essa categorização é no mínimo equivocada, pois através de estudos e pesquisas vê-se que todos os “erros” do português-não-padrão tem uma fundamentação histórica e não ocorrem apenas no português, como também em outras línguas como o inglês e o francês.

A metodologia usada para a conclusão deste painel foi a de pesquisa entre as formas usadas anteriormente pelos falantes da língua portuguesa para expressar ~~to~~ se expressarem.

Vemos que a língua é algo que não pode ser controlado e proibido de sofrer alterações, logo, podemos assumir que a língua portuguesa ainda sofrerá muitas mudanças.

O que pode ser feito sobre isso é apenas estudar esse processo sem que haja preconceito com as novas formas.

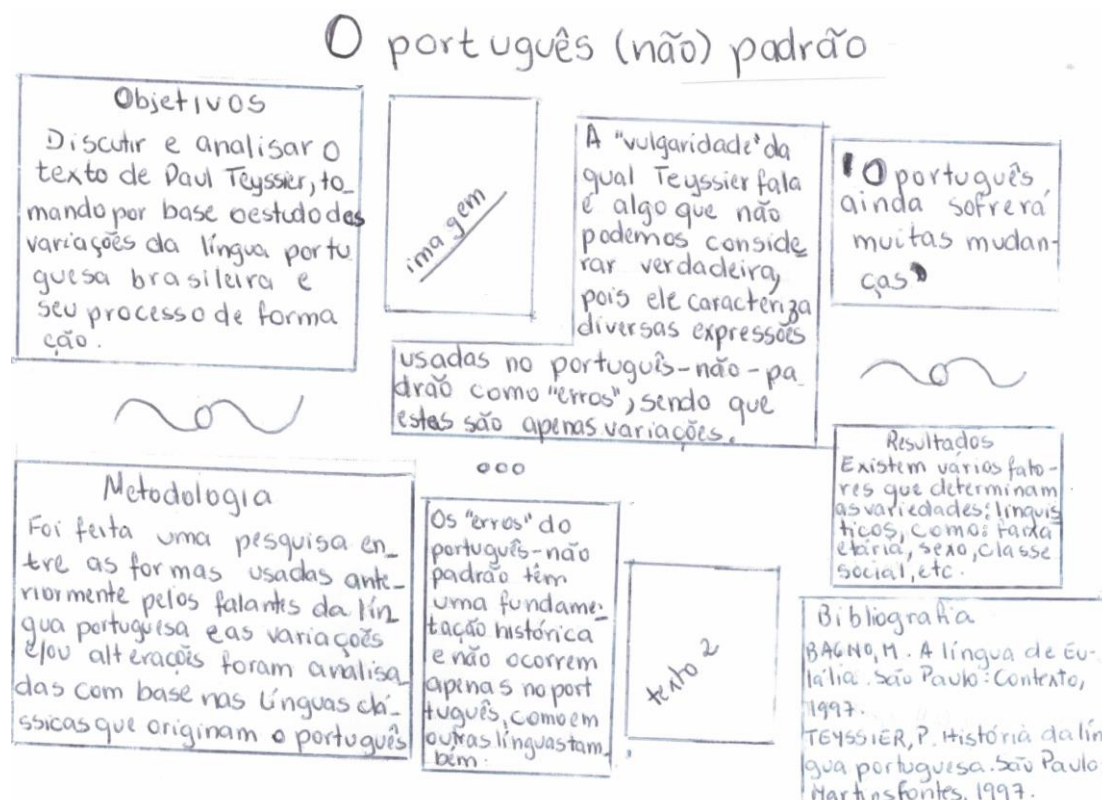
Fonte: material do Grupo de Pesquisa CNPq - Práticas de Leitura e Escrita em Português Língua Materna. Estudante 1.

Na segunda escrita, analisam-se indícios mais significativos da inserção do escrevente no gênero painel. A introdução já estabelece o gênero (*com este painel*) e

o objetivo (*discutir e analisar o texto de Paul Teyssier*). Na defesa de sua pesquisa, o escrevente passa a dialogar com o texto-base, demarcando, pelas aspas, a expressão de Teyssier (vulgaridade) e encaminha a argumentação contrapondo-se à posição assumida pelo autor. Nessa versão, o argumento para elaborar a defesa é recortado de um já-dito da esfera acadêmica: *através de estudos e pesquisas [...] os “erros” do português-não-padrão tem uma fundamentação histórica*. Nesse momento, o diálogo com o interlocutor e o espaço social mostram-se mais aparentes no texto do escrevente.

Os verbos não são mais impessoais, como na primeira versão e, em um primeiro olhar, poder-se-ia conceber que manifestam a singularidade do escrevente, mas também indicam marcas da relação de diálogo solicitada pela prática de escrita. Por exemplo, os verbos *podemos* e *vemos* marcam a relação na qual o escrevente se apoia, isto é, o já-dito da esfera acadêmica. Desse modo, o escrevente marca a relação dialógica com o destinatário, pois, ao projetar reações, seleciona quais argumentos são aceitáveis nesse espaço social. Assim, o escrevente não argumenta sozinho, há uma voz junto dele que corrobora o que é aceitável nesse espaço social: *a dos estudos e pesquisas*.

Figura 3 - versão 3 do gênero painel



Fonte: material do Grupo de Pesquisa CNPq - Práticas de Leitura e Escrita em Português Língua Materna. Estudante 1.

A proposta três tem a folha sulfite como suporte para o gênero painel. É nessa versão que o gênero toma uma forma mais visual de sua estrutura. A terceira versão traz o título, *O português (não) padrão*, e sugere a reflexão do escrevente pelo uso do advérbio *não* entre parênteses, de modo que o duplo sentido da leitura do título passa a ser um diálogo com seu interlocutor.

Quando comparadas à primeira reescrita, outras alterações são evidenciadas, tais como a tentativa de especificar a metodologia: *foi feita uma pesquisa entre as formas usadas anteriormente pelos falantes da língua portuguesa e as variações e/ou alterações foram analisadas com base nas línguas clássicas que originaram o português*. Na fundamentação, há demarcações para inserção de imagem e de outro texto. Os resultados também são mais específicos: *existem vários fatores que determinam as variedades linguísticas, como: faixa etária, sexo, classe social, etc*. Além disso, houve acréscimo de referências na bibliografia.

Embora a terceira proposta de escrita solicitasse que os dados constantes no texto de Oswald de Andrade fossem acrescidos à escrita do painel, o escrevente optou por não inseri-los, atendendo, talvez, à primeira proposta de que a escrita é sempre uma aposta. Em sua aposta, então, escolheu trabalhar com outra referência, a do linguista Marcos Bagno. Assim, sua aposta está relacionada novamente com um já-dito da esfera acadêmica, o que demonstra percepção do que recortar nos diálogos com a temporalidade para atender ao espaço social do gênero painel.

Reflexões sobre as análises

A primeira versão assemelha-se a um texto dissertativo, no entanto, à medida que elementos do diálogo mais imediato vão se construindo para o escrevente – tais como o interlocutor, o texto-base, a participação nas aulas sobre o conteúdo temático, o contato com a estrutura do gênero e as relações com a própria escrita/reescrita –, as versões alteram-se, inclusive reorientando os recortes ao já-dito.

É, também, à medida que o recorte do já-dito passa das esferas da mídia (figura 1: a *propaganda* e as *redes sociais*) para recortes que atendem leituras mais teóricas da esfera acadêmica (*português-não-padrão tem uma fundamentação histórica e ocorre em outras línguas como o inglês e francês* (figura 2)) que se analisa que o escrevente constrói inserções mais específicas nas temporalidades e no espaço social no gênero painel.

Essa constatação pode ser ilustrada pela conclusão nas três versões. Enquanto na primeira o escrevente anuncia a *quantidade de pessoas que as utilizam* como critério de aceitação de algumas expressões, na segunda substitui sua tese por uma defesa que recorre ao já-dito de estudos e pela posição de um pesquisador – papel que lhe foi proposto –, afirmando que *o que pode ser feito sobre isso é apenas estudar esse processo sem que haja preconceito com as novas formas*. Na terceira versão, por sua vez, a conclusão retoma recortes específicos de área teóricas da linguística: *existem vários fatores que determinam as variedades linguísticas, como: faixa etária, sexo, classe social, etc.*

É na terceira proposta que o escrevente apresenta indícios de diálogos mais

específicos com o gênero painel. As condições para a construção do gênero estão dadas não só pelo diálogo com as propostas de práticas de escrita, mas também pelo diálogo construído pelo acadêmico sobre o que recortar das temporalidades para as reescritas, no intuito de atender ao espaço social de onde o gênero painel advém.

Considerações: reflexões para o ensino

Ao realizar uma incursão nas práticas de escrita propostas, buscando ressaltar o diálogo com as temporalidades e o espaço social, procurou-se, a partir delas, repensar as práticas de ensino centradas na estrutura do gênero e não nas práticas sociais de ensino. Poder-se-ia pensar que os percursos delineados nessa prática poderiam, com as devidas adequações, ser também um ponto de partida para o professor trabalhar com o gênero, tanto na educação básica quanto na universidade.

Sob essa perspectiva, há a análise de um trabalho com a escrita voltado mais para a compreensão de como se dão as práticas de linguagem em processos de interação do que especificamente com a materialidade textual do gênero painel. O foco das práticas não está restrito a um gênero específico, mas aos diálogos que se dão por meio deste. Esse contexto leva à compreensão de que o espaço social e o diálogo com as temporalidades – apontados como constitutivos do gênero e não como elementos secundários, de menor importância – são aspectos que trazem à tona as ressignificações e as instabilidades do gênero.

Um trabalho pautado na compreensão do uso que se faz da língua, da materialidade textual, constitui-se como elemento que pode fomentar discussões no ensino, pois permite reflexões sobre a escrita. Refletir sobre as apostas realizadas, por exemplo, pode ser produtivo no sentido de possibilitar pensar na escrita de diferentes gêneros, tendo em vista o processo de enunciação. Assim, é na organização dos diálogos no processo de escrita que as discussões acerca dos efeitos das escolhas/exclusões sobre sua eficácia podem conduzir o escrevente a pensar sobre a linguagem. Dessa forma, a estrutura do gênero seria subsidiária, pois o aspecto central a ser tomado pelo professor em situação de ensino e pelo escrevente é a instabilidade.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec. 2006.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 2017.
- BROCARD, R. O.; ORTEGA, L. R.; LIMA, A. P.. A concepção de gênero discursivo subjacente na BNCC: aproximações e distanciamentos da perspectiva dialógica. *In: COSTA-HÜBES, T.C.; KRAEMER, M.A.D. Uma leitura crítica da Base Nacional Comum Curricular: compreensões subjacentes*. Campinas, SP, 2019, p. 95-124.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Acesso em abril de 2023. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>
- CORRÊA, M.L.G. Bases teóricas para o ensino da escrita. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 13, n. 3, p. 481-513, set./dez. Acesso em setembro de 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/ndCmMjQnqdfb4CsYhkBvhQP/?format=pdf&lang=pt>
- LOZANO, N. de O. A Base Nacional Comum Curricular e o ensino de língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2020. Acesso em setembro de 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/effcf5a2-2dc2-4fc1-8ac8-65a449424a15/content>
- RODRIGUES, R. H. Articulações teórico-conceituais nos PCNS: uma análise crítica. *Anais do 5º Encontro do Celsul*, Curitiba-PR, 2003, p.1258 -1267.
- ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. *In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-TOTH, D. Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

Recebido em: 24 out. 2023.
Aprovado em: 30 mar. 2024.
Publicado em: 30 jun. 2024.



TROMBETTA, V.

A construção do gênero discursivo painel: das diferentes temporalidades à estrutura composicional

Revisora de língua portuguesa: Ana Luiza Zambaldi

Revisora de língua inglesa: Gabrieli Rombaldi

Revisora de língua espanhola: Laura Marques Sobrinho

Anexo

A - Propostas de exercícios organizadas pelo professor

Entretextos, Londrina, v. 24, n. 1. p. 172-195, 2024.



[Licença CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<p>1ª PROPOSTA DE EXERCÍCIO:</p> <p>Nos congressos relacionados à área de Letras, é comum que os estudantes sejam convidados a apresentarem suas pesquisas de Iniciação Científica (IC) sob a forma de painéis. Nessas circunstâncias, assumem, portanto, o papel de expositores.</p> <p>Considerando que:</p> <ol style="list-style-type: none"> No painel, o diálogo proposto tem como destinatários preferenciais professores, formados ou em formação, e outros pesquisadores, não importando se com a mesma ou com mais experiência que a do expositor; a posição de expositor impõe-lhe puxar pela memória alguma referência sobre o que seja painel (mesmo que o expositor nunca tenha feito um painel ou sequer visto um, acaba, portanto, por ter de elaborá-lo em função de necessidades acadêmicas); o exercício da escrita (e só ele) do painel permite que o expositor registre suas apostas de escrita e observe seus efeitos; as escolhas e exclusões em termos formais (escolhas/exclusões das palavras e construções utilizadas) e temáticas (escolhas/exclusões do que recortar do tema abordado) são apostas sobre a eficácia da escrita produzida pelo expositor; <p>elabore um painel com base no resumo a seguir, que corresponde, na verdade, a um item de um capítulo de livro. Você assumirá essa pesquisa como sua e procurará defendê-la, na posição de expositor, dando todas as informações necessárias para que os resultados apresentados sejam validados pelos destinatários preferenciais.</p> <p>RESUMO: Existe uma zona em que a vulgaridade ainda é normalmente aceitável e que podemos considerar como um grau avançado na familiaridade. Assim, as frases negativas do tipo <i>não sei não</i>, ou mesmo <i>sei não</i>; ou as orações infinitivas que têm por sujeito <i>eu</i> e <i>eu</i> (ex.: <i>é pra mim comer</i>, em lugar de <i>é para eu comer</i>); ou ainda <i>feito</i> no sentido de <i>como</i> (ex.: <i>o pobre homem chorava feito uma criança</i>).</p> <p>Outros brasileirismos são nitidamente mais marcados e, por isso, sentidos como "incorretos". É o caso do emprego das formas tônicas <i>ela(s)</i> e <i>ela(s)</i> como objeto direto em vez das formas átonas <i>o(s)</i> e <i>a(s)</i>, infensas à língua popular; ex.: <i>vi ele (si-o), não conheço ela (não a conheço)</i>. Outro traço popular, ainda mais incorreto, consiste em suprimir o <i>-s</i>, marca do plural, nos nomes e adjetivos, e conservá-los apenas nos determinantes (artigos, demonstrativos, possessivos, etc.); ex.: <i>as casa, estes boi, meus amigo, mil cruzeiro</i>. Quanto à flexão verbal, ela pode ser muito simplificada: não emprego do futuro, do condicional e do infinitivo flexionado; redução ao extremo do paradigma dos tempos (<i>eu devo, ele deve, nós deve, eles deve</i>). Mas, insistimos, esses brasileirismos são sentidos como incorretos.</p> <p>(Extraído do livro: Teyssier, Paul. (Tradução: Celso Cunha). História da língua portuguesa. São Paulo, Martins Fontes, 1997, pp. 106-107. Original publicado em francês em 1980.)</p>	<p style="text-align: center;">Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Introdução ao estudo da língua portuguesa I – IELP I Data: 13-03-2013</p> <p style="text-align: right;">Docente responsável: Manoel Luiz Gonçalves Corrêa</p> <p>2ª PROPOSTA DE EXERCÍCIO</p> <p>Seguem, abaixo, duas instruções sobre como produzir um painel. A primeira foi tirada do site do GEL, cujo seminário será realizado, neste ano, na FFLCH-USP, nos próximos dias 10, 11 e 12 de julho. A segunda instrução é, mais propriamente, uma descrição desse gênero acadêmico.</p> <p>1.</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p style="text-align: center;">GEL – GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO</p> <p>Modalidades de participação</p> <p>Painel Comunicação Individual Simpósio Ouvinte</p> <p>Modalidade Painel</p> <ol style="list-style-type: none"> A modalidade Painel destina-se exclusivamente à apresentação de trabalhos de alunos de graduação. Atenção: A modalidade não requer que o usuário se associe ao GEL. Os trabalhos apresentados nessa modalidade serão agrupados por área, devendo o autor permanecer junto ao seu painel durante a sessão de apresentação (1h30min). O autor terá a sua disposição um suporte com hasta para painéis de superfície de 100cm (altura) x 70cm (largura) com bastão e cordinha de acabamento. O painel deverá conter: <ul style="list-style-type: none"> título do trabalho, nome(s) do(s) autor(es), seguido(s) dos nomes da instituição e da agência de fomento (se houver); no corpo do texto, pelo menos, objetivos, fundamentação teórica, metodologia do trabalho, resultados e referências bibliográficas. Tipo e tamanho de letra do painel ficam a critério do autor. Sugerimos, entretanto, no mínimo fonte tamanho 28. <p>Observações importantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> Recomenda-se trazer o painel montado e todo o material necessário para afixá-lo. <p>Os trabalhos apresentados em forma de painel NÃO poderão ser submetidos à revista Estudos Linguísticos, destinada à publicação de trabalhos apresentados em seminários do GEL.</p> <p style="text-align: right;">http://www.gel.org.br/novo/</p> </div>
--	--

<p style="text-align: center;">Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Introdução ao estudo da língua portuguesa I - IELP I Data: 13-03-2013</p> <p style="text-align: center;">Docente responsável: Manoel Luiz Gonçalves Corrêa</p> <p style="text-align: center;">PAINEL</p> <p>O PAINEL, para apresentação de trabalho científico é um gênero complexo. Visando à essa finalidade de apresentação, comporta, pelo menos, três modos de comunicação: o verbal escrito, o não verbal e o verbal oral.</p> <p>No que se refere à produção do texto escrito, é preciso fornecer ao leitor ao menos os seguintes dados: título do trabalho, nome(s) do(s) autor(es) com filiação institucional e agência de financiamento, objetivos, fundamentação teórica, metodologia, hipóteses, resultados e referências bibliográficas. Desde o primeiro momento, sua produção requer edição, objetivando a concisão do texto, que se impõe em função de sua adaptação ao espaço onde será afixado, variável de acordo com o evento em que figurará.</p> <p>No tocante ao aspecto não-verbal, entra em jogo o cuidado com a comunicação visual, que abrange tanto o aspecto verbal escrito quanto o não verbal. O painel requer cuidado com a diagramação, isto é, com a disposição gráfica do texto escrito no suporte, o que inclui atenção à escolha da fonte, do tamanho da letra, das cores e das margens. Ainda sob esse aspecto, o painel requer cuidado quanto à combinação do texto escrito com ilustrações, quadros, tabelas, legendas etc. Uma boa diagramação garante mais eficácia na comunicação, propiciando maior nitidez e, portanto, maior legibilidade ao texto como um todo.</p> <p>Por fim, no que se refere ao aspecto verbal oral, a apresentação é, normalmente, uma réplica à leitura do painel por alguém e pode tomar a forma tanto de uma breve exposição por parte do autor quanto de um diálogo. Essa apresentação oral é importante porque pode: dirimir dúvidas de leitura, acrescentar esclarecimentos, estabelecer uma discussão acadêmica rápida, sendo, também, um modo de o autor obter informações de outros especialistas no assunto, tais como, sugestões teóricas, metodológicas, bibliográficas etc.</p> <p>Sintetizando, painel é um gênero acadêmico que se caracteriza por ser um composto das dimensões verbal escrita, não verbal e verbal oral. O ponto central do texto escrito do painel são as hipóteses e os resultados que ele apresenta, ambos decorrentes de uma perspectiva teórico-metodológica aplicada a determinado material linguístico.</p> <p style="text-align: center;">* * *</p> <p style="text-align: center;">PARA LEMBRAR</p> <p>CARACTERÍSTICAS A SEREM OBSERVADAS NO PAINEL:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Informações sobre a autoria (nome(s) do(s) autor(es), filiação institucional e agência de financiamento); 2. Corpo do texto escrito: objetivos, fundamentação teórica, metodologia, hipóteses, resultados e referências bibliográficas; 3. Diagramação bem cuidada, objetivando o máximo de legibilidade do texto (fonte, tamanho de letra, cores, margens, disposição das partes do texto escrito, combinação do texto com ilustrações, quadros, gráficos, tabelas etc.); 4. Concisão no texto escrito, produção equilibrada da comunicação visual de modo a destacar o trabalho feito e não o seu autor; postura acadêmica na apresentação oral. 5. Capacidade de converter o interlocutor concreto que interpela o autor do trabalho no destinatário imaginado para o painel. <p style="text-align: right;">Texto elaborado pelo docente responsável</p>	<p style="text-align: center;">Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Introdução ao estudo da língua portuguesa I - IELP I Data: 20-03-2013</p> <p style="text-align: center;">Docente responsável: Manoel Luiz Gonçalves Corrêa</p> <p style="text-align: center;">3ª PROPOSTA DE EXERCÍCIO</p> <p style="text-align: center;">Neste exercício, seu trabalho é dar a configuração final ao Painel iniciado com a 1ª proposta de exercício. Você deverá acrescentar os dados novos fornecidos pelo texto 2, abaixo.</p> <p>TEXTO 1: (fragmento de Teyssier, Paul. (Tradução: Celso Cunha). História da língua portuguesa. São Paulo, Martins Fontes, 1997, pp. 106-107. Original publicado em francês em 1980.)</p> <p>TEXTO 2: Vício na fala</p> <p>Para dizerem milho dizem mio Para melhor dizem mió Para pior pió Para telha dizem teia Para telhado dizem teiado E vão fazendo telhados.</p> <p style="text-align: right;">OSWALD DE ANDRADE, In: Pau-Brasil, 1925.</p>
---	---